

a VOZ de MELGAÇO

Quinzenário católico e regionalista

Director e Administrador:
JÚLIO HILARIÃO VAZ

Redacção e Administração, interiores - Residência Paroquial - Melgaço
Propriedade e impressão da «Empresa do Diário do Minho, Limitada» - Braga
AVENÇA

Chefe da Redacção e Editor
CARLOS ANTÓNIO VAZ

CUSTO DA ASSINATURA ANUAL: 20\$00

ANO - XV - N.º 234

Melgaço, 1 de Junho de 1961

Sobre o Simbolismo das Armas Municipais de Melgaço

Brevíssimo ensaio

por Mário Gonçalves Ferreira

A memória dos meus antepassados nascidos e criados na terra e na gleba melgacense.

«Como um tambôr que entre a metralha
Estojna, ao fim duma batalha,
Rouco, ansioso, furioso, ardente...
(De um soberbo soneto de Junqueira)

Amavelmente convidado por dedicados amigos desse aprazível recanto do Alto Minho a escrever algumas considerações heráldicas sobre o brasão domínial da sua terra, por ocasião do aniversário de «A VOZ DE MELGAÇO», pronta e desvanecidamente acedi.

Não, com o propósito de alardear os meus modestos conhecimentos hauridos, desde a mocidade, em horas de lazer, em uma das cataratas imponentes da «NOBRE CIÊNCIA», mas porque me sinto honrado na minha avoenga tão plebeia e muito grato por ter várias vezes encontrado nessa encantadora região, balsamos e consolações para mágoas e dores físicas e morais, mercê dos efeitos benéficos das suas magníficas águas e da actuação dos seus ares repousantes, saudados em manhãs esplendorosas pelas melodias da calhandra «a cujos ecos ela própria se delicia». (Danie).

E dou louvores ao Alfíssimo por ter destinado que o curso do rio do meu sangue, brotado entre as brenhas e pinhasos, de LOBIO e de CAVALEIRO ALVO, ultrapassasse o solo sagrado de Moçambique, onde foi dado à luz o meu filho varão e alcançasse o outro extremo do nosso Portugal de Além-Mar, certo como é que nasceu no passado ano, em Timor, a minha netinha mais nova!

Já foi notado, por quem tinha autoridade para tanto, que durante muitos anos e talvez séculos se consideraram indevidamente como armas municipais de Melgaço, nada menos de dois escudos, um com as armas nacionais ordenadas por D. João II e outro com o emblema ou empresa que este monarca adoptou ou seja um pelicano poisado em seu ninho, alimentando os filhos e ambos encimados por corôas abertas.

Ora, se é certo que em recuadas épocas, vários municípios poderiam ter sido autorizados a exhibir como armas próprias, as nacionais, carregadas com qualquer peça mais ou menos falante, como sucede com as que actualmente são empregadas pelo município de Ponte da Barca, não se justifica hoje tal semi-cerimónia, visto que, por determinação legal, só muito excepcionalmente se pode fazer uso de escudo igual ao que é ostentado pelo Estado.

E as corôas reais, pelo que respeita a cidades, vilas e povoações de importância têm de ser substituídas por corôas murais.

E pena que o escudo nacional ainda não esteja encimado também por uma corôa mural de ouro, que bem podia ser de seis torres, como alguém de competência já alvitrou.

Quanto ao emblema do pelicano alimentando os filhos com a própria carne ferida e figurando os quatro deveres de um pai: geração, educação, instrução



Dia de anos

Entramos hoje no 15.º ano de publicação.

Iniciamo-la em dia da Ascensão do Senhor, e nele confiamos o êxito da empresa, que está à vista de todos.

E o jornal da gente da nossa terra, como se prova pelas cartas, que dirigem, durante o ano, ao Director, para serem publicadas.

Não há artigo de circunstância, porque o número de hoje é dedicado à nossa terra, ao estudo das suas Armas, pelo ilustre magistrado e distinto escritor, dr. Mário Ferreira.

Não podíamos encontrar assunto mais nobre nem autor mais competente.

(Continua na 2.ª pág.)

Por terras de França

Estava enfim em Le Creusot, eram as 10 horas da manhã.

Que faria então o meu amigo António Merim, o dedicado «consul» de tantos portugueses em França?

Quantos rapazes depois de andarem por terras várias, sem emprego, sem ajuda, tem, como último recurso, a mão carinhosa do António Merim e de sua esposa.

Mas eu levantara-me muito cedo naquele dia, pelas cinco da manhã. A viagem fora um pouco longa e ia bastante fatigado. Fui pois ao café, ali perto, da casa do meu amigo, depois à barbearia e resolvi só então aparecer.

A casa do Sr. António fica situada numa bellissima rua e à frente brincavam umas crianças algerianas...

O Sr. António andava entusiasmadíssimo com as obras de adaptação dos baixos da casa que ele alugara, para alargar mais os trabalhos, visto que naquela cidade e arredores são muito apreciados.

Trabalha por sua conta e não tem mãos a medir, ainda bem.

Abraçamo-nos e com que saudade eu o procurava. Com que saudade e agradecimento.

Quanto lhe deve Santa Rita. Quantas vezes pensa em ser-Lhe útil.

Fomos acima cumprimentar sua Esposa e notei que a casa não tinha o aspecto alegre das outras vezes. Havia muito silêncio, muita paz. E não admira já que dos filhos, o mais velho estava para férias, junto de Marselha e os pequeninos, que foram, da última visita, o meu encanto, passavam os restos dos dias de descanso em casa de seus tios de Guegnon.

Estava pois em Le Creusot e parece-me que estava na minha própria casa.

Eu levava muita pressa. Eu queria percorrer a França, como se fosse um dos Corredores da «volta». Disse-o logo ao meu amigo para me deixar sair o mais depressa possível.

Um «não» terminante foi logo a resposta. Que tinha de dispor de alguns dias, que não podia sair já. Tinha de dar a Le Creusot 6 dias.

E estaria tudo à disposição, desde a acolhedora casa ao valente «Espada», que por aqueles dias, nos levaria a todos os confins da região, onde houvesse portugueses.

A família portuguesa de Le Creusot! Como eu a admiro! Como tenho tanto que lhe agradecer...

Tudo aqui é diferente de Paris.

Há muitos lares portugueses. Aqui vivem os maridos, suas esposas e filhinhos. É outra coisa. É diferente.

Eu percorri quase todas as casas dos nossos conterrâneos. E sai sempre edificado.

Em todas elas, quadros de N. Senhora, emblemas religiosos, a continuação em França dos nossos bons costumes de Portugal. Como faz falta a presença da mulher portuguesa junto do seu marido. Como a vida é outra.

Tudo quanto se faça no sentido de tornar mais fácil a ida da mulher para junto de seu marido, é obra patriótica e cristã.

Dificultá-la, seria criar graves problemas familiares.

Eu gostei muito da vida desta boa gente de Portugal em Le Creusot.

Sobretudo, como eles apreciam o nosso país: Não se censurava, não se criticava o seu possível atraso neste ou naquele sentido.

E de todos eu ouvia sempre a palavra de gratidão e o desejo de que a vida vá melhorando rapidamente, para que todos tenham mais felicidade, mais alegria.

(Continua na 6.ª página)



(Continua na 2.ª página)

Sobre o Simbolismo das Armas Municipais de Melgaço

(Continuação da 1.ª página)

Um bom exemplo, já escrevi algures que se não deve tratar de um distintivo original de D. João II, porquanto, segundo Emile Gevaert (L'Heráldique, son esprit, son langage et ses applications), cuja obra tem merecido o incontestável respeito dos mais categorizados heraldistas portugueses, foi tal divisa tomada primitivamente por Afonso X, Rei de Castela, para afirmar a sua abnegação pelo seu povo com as palavras: «PRO LEGE ET GREGE», geradoras de «POLLA LEY E POLLA GREY».

Destarte o corpo e a alma da admirável divisa já davam claros sinais de vida, mais de dois séculos antes de o Príncipe Perfeito ter vindo ao mundo.

Acresce que D. João II também continuou a usar a divisa de D. Afonso V, seu pai, cujo corpo era um «rodízio» ou roda de azenha espargindo gotas, constituindo agora a peça principal das armas da província de S. Tomé e Príncipe.

Ora Melgaço, como observa Afonso de Dornelas tem títulos próprios, bastantes para atestar expressivamente a sua história guerreira, cheia de arrancadas heróicas e de patriótico sacrifício.

E, ainda porque, segundo reza a tradição, fica a vila no local do «Castelo do Minho», fortaleza árabe que já estava deserta no início da fundação da nacionalidade, vindo portanto deste castelo o nome da região, propôs o eminente heraldista e foram aprovadas pela portaria n.º 8.317, de 17 de Dezembro de 1935, as seguintes armas:

«De prata com um monte de negro, sustendo um castelo de vermelho aberto e iluminado da campo e acompanhado por dois leões de vermelha armados e linguados do mesmo, sustidos no monte, afrontados e sustendo, em chefe, nas mãos, uma quina antiga de Portugal de azul com onze besantes de prata.

Em contra-chefe, três faixas ondadas, duas de prata e uma de azul.

Coroa mural de prata de quatro torres. Listel branco com os dizeres «Vila de Melgaço».

Dornelas explica o seguinte:

«O campo, o aberto e o iluminado do castelo e as faixas do rio, são de prata porque este metal significa heráldicamente humildade e riqueza. O castelo, representando o valor da praça de guerra, e os leões, representando a heróicidade e o patriotismo dos seus naturais, são de vermelho, que é o esmalte que heráldicamente simboliza a força e a vida e significa vitórias, ardis e guerras. O negro do monte simboliza a terra e significa firmeza, obediência e honestidade. Os rios são representados heráldicamente por faixas ondadas de prata e azul. O Rio Minho fica, portanto, aqui representado.

«O azul significa zelo e caridade. E assim a história local e o valor dos naturais ficam simbolicamente representados».

Com esta preciosa lição ficamos habilitados a soletrar paulatinamente a linguagem condensada na descrição armorial em objecto. Tal vai ser a nossa tarefa.

DE PRATA...

Este esmalte representa o brilho da luz e do luar e simboliza a noite, o descanso e a paz. Como o ouro, desempenha uma função iluminadora junto das cores heráldicas, realçando-as e designadamente com o azul. Realmente estabelece o contraste mais tocante com este, como se nota no escudo nacional.

O branco (prata) — a oitava cor, visto condensar as sete do arco-íris — esplende cintilantemente, em limpeza e perfeição, recordando a alvura da Hóstia Sacrossanta e do «virtuoso linho fiado... por mãos de simples... aos serões... e em paz (Lopes Vieira). O linho branco e puro que vestem os intrépidos ginetes, favoritos do Cavaleiro Alvo, chamado Verbo de Deus, cujo sagrado arnés está salpicado de sangue! (Apocalipse — XIX-11-14).

COM UM MONTE NEGRO...

Equivala a um pilar da ponte dirigida da Terra para o Céu, em atitude de oração erguida ao Criador, com lágrimas angustiosas, aflitas que se vão suavizando à medida que se vai presentindo o piedoso desferimento (Amen) da prece bem formulada.

O negro não conhece gradações. É uma cor seca e dura que lembra a cinza e o ferro.

Representativa da força constante que a Terra lhe empresta, não recebe significação senão das cores que dela se avizinham e às quais reforça a expressão.

Quadra, pois, muito bem, corporizada pela montanha a assinalar o relevo caprichoso do burgo e região melgacense, convidativo de vãos siderais, impulsionados pelas asas da Fé.

SUSTENDO UM CASTELO DE VERMELHO ABERTO E ILUMINADO DO CAMPO...

Diz-se que uma peça (neste caso, o monte) está sustendo ou suportando outra (aqui, o castelo) quando a segunda está colocada acima dela, e ambas se tocam.

O castelo é representativo da praça de guerra em referência e emblema de grandeza e magnificência, de santuário e salvação. Diz-se aberto e iluminado do campo, por este, na hipótese, ser de prata e a porta e as janelas ou frestas do castelo vermelho serem, portanto, de esmalte diferente — prata.

O vermelho ou goles (gueles), em francês; gules em castelhano e inglês; guli, em italiano) deriva, segundo certos eruditos do persa gul (uma rosa) sendo, porém, mais provável que tenha conexão com a palavra latina gula (garganta ou gula de animal carnívoro).

Pode ter relação com a cor do sangue. No simbolismo cristão é emblemático da caridade, porquanto Cristo verteu o Seu sangue para salvação da Humanidade. E cá temos nós o Divino Pelicano ferido no peito e sempre vivo sob o véu da Eucaristia a cuja fonte inexaurível todos os crentes acorrem ávidos.

Os cruzados ingleses escolheram para sua insígnia uma cruz vermelha trazida sobre o ombro direito. Nos regimentos ingleses ainda aparece com frequência, certamente para habituar os soldados a ficarem impassíveis perante o sangue.

O castelo «vermelho e ensanguentado» lembra «a larga flor do cacto que tem notas marciais... soa como um clarim» (Gomes Leal).

E ainda simboliza de uma maneira impressionante a LUTA PELO DIREITO, com denodo e galhardia.

E ACAMPANHADO POR DOIS LEÕES DE VERMELHO ARMADOS E LINGUADOS DO MESMO...

Desde os tempos mais remotos é o leão apresentado como um emblema de valentia, força, coragem, generosidade, poder... o que se justifica em face da sua figura altiva e magestosa, da sua grande cabeça, com a hirsuta juba pendente, da sua extraordinária força muscular e formidável semblante.

Outra Jerusalém entronizada nos montes santos chamava-se Ariel — «o Leão de Deus».

A palavra Ariel é empregada várias vezes na Bíblia para designar os heróis ou homens fortes.

No hebraico e no antigo germânico têm Leão e Fôgo a mesma designação.

E que bem escolheu ele foi para dar significado à «heróicidade e patriotismo das naturais de Melgaço», principalmente nas escaladas triunfantes das muralhas edificadas por ordens de D. Afonso III e de D. Denis e nos assaltos roucos e ansiosos da praça e do castelo em poder dos castelhanos em 1388 e nos ímpetus furiosos e ardentes com que expulsaram, em 9 de Junho de 1808, os invasores napoleónicos, dando assim um nobilíssimo exemplo ao país!

Diz-se armado o leão quando tem as unhas ou garras de certo esmalte, em regra, distinto do corpo; e mutatis mutandis, observa-se a característica de linguado ou lampassado quanto à língua.

SUSTIDOS NO MONTE, AFRONTADOS E SUSTENDO, EM CHEFE NAS MÃOS, UMA QUINA ANTIGA DE PORTUGAL DE AZUL COM ONZE BESANTES DE PRATA.

Os leões estão apoiados (sustidos) no monte, de frente um para o outro (afrontados) segurando (sustendo) na parte mais elevada do escudo (em chefe) nas mãos, uma quina antiga de Portugal.

Trata-se de uma homenagem da Pátria aos filhos valorosos da região fronteiriça nortenha, cuja fixidez, em contraste com a deplorável precariedade de Ieste, D. Sancho I verificou ao tomar conta do trono e o levaria a conceder-lhe carta de couto (1197).

O foral foi-lhe dado em 21 de Julho de 1181, pelo Pai — o Rei «Plus, Victor, Triumphator ac semper In-

DIA DE ANOS

(Continuação da 1.ª pág.)

Os nossos agradecimentos.

Saudamos os da primeira hora com profundo respeito. Esses nos acompanharam com fé e entusiasmo. Não os enganamos.

Saudamos os de todas horas, pois receberam o jornal como o porta-voz da verdade e da justiça, de todos e para todos.

O lema é: jornal católico e regionalista.

Temo-lo respeitado, às vezes com sacrifício.

Os 14 anos passados pagam-nos superabundantemente todos os sacrifícios.

Vamos, pois, continuar, absolutamente fiéis ao lema traçado na primeira hora.

Nada há que modificar.

Publicamos as Armas do nosso Concelho e a Torre de Menagem.

Que sejam para todos nós a bandeira de trabalho.

Falecimento

Em Lisboa e no dia 20 do corrente mês de Maio faleceu o sr. dr. António Baião, natural de Alqueirão de Santo Amaro, Ferreira do Zêzere, onde nasceu em 1878, casado com a sr.ª D. Sofia Júdice de Magalhães Barros Baião e pai da sr.ª D. Emilia de Magalhães Barros Baião Barreiros e do sr. dr. Juz António Júdice de Magalhães Barros Baião.

O ilustre finado que deixou publicada uma obra histórica vasta e valiosíssima, foi Director da TORRE DO TOMBO durante quarenta anos, tendo-se aposentado em 1948, por ter atingido o limite de idade e onde no seu próprio gabinete, com dispensa de quaisquer formalidades, etiquetas, etc., etc. — nem só recebeu sempre com carinho e requintes de delicadeza e fidelidade o humilde e obscuro autor desta infansta notícia, como também com paciência benévola se esforçou por fazer do mesmo um passível intérprete de carunchosos papéis antigos, o que apesar da sua boa vontade, saber e empenho, ele não conseguiu inteiramente.

Era um Homem realmente bom e paciente como um Santo, o sr. dr. António Baião — o sr. dr. António Ednardo Simões Barão. Seja-lhe a terra leve!

(Continua na 5.ª página)

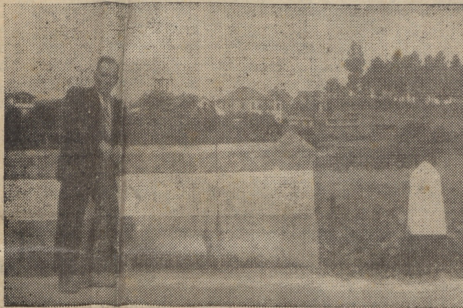
A nossa freguesia de Prado

Bem sei que todas as terras são bonitas; mas nenhuma o é tanto como aquela onde nascemos e nos criamos, mesmo que esta nada deva à formosura, pois quem o feio ama... bonito lhe parece.

Ora eu... nasci e me criei nesta ridente e bucólica freguesia de Prado, onde tudo é tão maneirinho e sedutor, por isso dizer que o meu feiticeiro terrunho é dos mais bonitos deste Minho encantador, poderá parecer favor ou bairrismo quando apenas é justiça, porquanto toda ela é uma puríssima esmeralda cravejada de pérolas e rubis, dos mais finos orientes nesta joia preciosa que é o concelho de Melgaço.

Isto não é ilusão, pois mo disseram primeiro meus olhos e em seguida mo confirmou o coração.

Toda a freguesia é de piso ameno e suave, sendo insignificante a área que não possa ser regada e limada — daí o seu nome: — **Prado**, que o mesmo é dizer: **campina, relva**, etc. É limitada: a norte, pela freguesia galega de S. Cristovão de Mourentão; a nascente, pelas de Santa Maria da Porta da Vila de Melgaço e Santa Marinha de Rouças; a sul, pela da S. Paio de Melgaço e a poente, pelas do Divino Salvador de Paderne e S. João Baptista de Remoães. Pelo censo de 1950, a sua população era de 612 almas, geralmente tudo gente honesta, bondosa, pacífica, esmolera e hospitaleira, que capricha em receber com fidalga deli-



«Uma vista de Prado»

cadeza e cortesia os turistas e forasteiros que visitam a sua freguesia, cujo número destes, de ano para ano, vem aumentando, sendo já bastantes as famílias que elegeram este Eden encantador para vilgiatura, a cujas belezas fazem os maiores louvores e elogios.

Teve a freguesia de Prado a felicidade de ser rasgada por três estradas que sensivelmente a dividem em quatro partes iguais, a saber: — a antiga Estrada Velha, que do Rego leva à antiquíssima ponte romana da Folia à de trânsito a veículosa automóveis; a E.N. n.º 202, que da Ponte Nova ou da Cróca até à de S. Lourenço corta a freguesia ao centro, e a E. M. de Paderne, que graciosamente coleando por entre um viçoso mar de verdura, da Serra até Cortinhas, leva o turista amador da arte e da arqueologia ao vetusto e histórico Convento agustiniano daquela localidade.

Destas artérias, as duas últimas estão em excelente estado de conservação; porém já o estado da primeira — sobretudo depois que se fez a obra do abastecimento de água e do Rego a Santo Amaro — está verdadeiramente deplorável. Que penúria!... São páus atravancados aqui, cepos arrumados ali; silhares da banqueira caídos no rego acolá; cápeas do cono enventradas mais além; calhau; espalhados por toda a

Carta aos moços

(Continuação da 3.ª página)

pouco tempo a alguns soldados da milícia, abraçando um ou outro:

— «Raio de idade! Vão-se-me os olhos em vocês!»

Segurai a linha da frente e nós tomaremos as posições nesta frente da rectaguarda para que não seja minada pelos traidores, pelos vendidos, pelos de alma hipotecada ao Diabo, de cá, de lá, do inferno donde possam vir. Ficai certos, briosos rapazes, que nem vocês, nem nós, arredaremos pé e com vida, da terra portuguesa.

E desses que andam para aí com auto-determinações, boatos, insídias, falsidades e calúnias, permitimo-lhes lembrar que talvez não fosse descabido levá-los para Angola, colocá-los nos locais onde predominam os bandoleiros. Pô-los no meio da gente que defendem, dos seus amigos...

Sabemos que há memórias, que são cartuchos sem carga; mas não esqueceremos, porque as épocas são diferentes, os portugueses que se batem, dos que se preparam para um dia, sem feitos ou posições, tomarem lugar no desfile da vitória. Denunciá-los-emos, desmascarándo-os.

Vós, soldados, não os conheceis do vosso lado! Nós, veteranos da rectaguarda, soldados das primeiras horas do nacionalismo, das trincheiras de Espanha, das perseguições durante a última guerra, das horas de agitação quando os corvos julgam pressentir carne humana, corpos a desagregarem-se, apontá-los-emos, quando preciso, como traidores e dubios!... Até à volta, rapazes de Melgaço!

PADARIA EM TANGIL (MONÇÃO)

Arrenda-se ou vende-se o alvará. Informa António Puga — Paderne (Melgaço).

parte, etc., etc., tudo para gáudio do rapazio. Em resumo, uma miséria — uma miséria confrangedora que com olhinhos de misericórdia está pedindo urgentes providências. E estas a dá-las há que dá-las já, pois chegamos a mais uma época aquista e como de todos é sabido muitos aquiastas fazem por este caminho o seu passeio higiénico e obrigatório diariamente, a fim de por aqui espalharem seus tédios, distraíndo-se e regalando-se, ora trocando impressões com o povo simples e humilde; ora apreciando as diversas fainas agrícolas, em especial os típicos linhares; ora escutando o canto puro e cristalino duma ou doutra moçoila que sobe dentre os milharais; ora baixando-se para junto da berna do caminho colherem esta ou aquela humilde florinha silvestre; e, ora, ainda, abortos e sonhadores. recuados no tempo, afastando-se e cendendo-se contra a parede para em sua imaginação idarem passagem à velha mala-posta ou à aguerrida hoste del rei D. João I que, como é da História, por aqui passou em Janeiro de 1388 para ir tomar ao atrevido intruso castelhano a nossa gloriosa Vila de Melgaço.

Ninguém o duvide. Este caminho é de muita utilidade turística; por isso que quem de direito não fará favor nenhum nem mesmo nada de mais se olhar por ele, mandando-o reparar convenientemente a fim de que sirva a gregos e a troianos — quero dizer: para que volte a dar o trânsito a automobilistas e peões.

Prado, 20-5-1961.

L. Amador de Araújo

Prado, 26

(Continuação da 3.ª página)

revelar seu nome e mais 485\$50;

Pela 2.ª Comissão: 581\$;e
Pela 3.ª Comissão: 13 peças de roupa para criança e ainda dinheiro, oferta da sra. D. Maria Augusta Esteves Solheiro, e mais 340\$.

Total 1.406\$50.

E se este peditério mais não hender, isso foi tão sómente pelo motivo de immitos já terem contribuído para o mesmo fim por outra via.

Pois que o Senhor pague nem só a tão labregadas e altruístas Senhoras, como também a todos que, com seu óbulo, contribuíram para o bom êxito desta Santa Cruzada.

No pretérito dia 11, Quinta-feira da Ascensão, realizou-se na igreja matriz da Vila, o casamento do nosso amigo sr. João Pereira com a sra. Rosa Idália Dantas, ele filho do sr. João Pereira da Assunção (João Pedreira) e da sra. Cecília Gomes de Sousa, e ela filha do sr. Faustino Augusto Dantas e da sra. Beatriz Martins Gonçalves de Corujeiras, e ambos naturais desta freguesia, onde nasceram e foram baptizados.

Desejo-lhes um lar muito venturoso.

—Com 170 anos, acaba de falecer no Rio de Janeiro o sr. Armandinho Augusto Rodrigues, filho de Joaquim Augusto Rodrigues e de Paulina das Neves Baptista, do Cerdedo.

Paz à sua alma e a toda a família enlutada, momentaneamente a suas irmãs sras. Ricardina e Hebráina (Judice Rodrigues), represento sentidos pésames.

—Também ao cair da tarde da pretérito dia 22, pouco depois de ter regressado da festa de Santa Rita, apertadamente bem disposto, pois me cumprimentou com a sua habitual boa disposição, faleceu repentinamente, em Santo Amaro, vítima de um colapso cardíaco, o nosso respeitável amigo sr.

(Continua na página 5)

Pinto de Magalhães, L.da

BANQUEIROS

CAPITAL E RESERVAS: Setenta e cinco milhões de escudos

PORTO — Rua Sá da Bandeira, 53 — Telef. 20133 (P. P. C.) 7 linhas

LISEOA — Rua do Curo, 95 — Telef. 366056 (P. P. C.) 5 linhas

AMARANTE * ARCOS DE VALDEVEZ * PENICHE * EL-

VAS * VILA DA FEIRA * FATIMA

CORRESPONDENTE NO RIO DE JANEIRO

Pinto de Magalhães, L.da — Rua do Ouvidor, 86

Faça render as suas economias depositando-as em

Pinto de Magalhães, L. do

BANQUEIROS

Todas as Operações Bancárias

Da Vila

Maio, 25.

ECCE ITERUM CRISPINUS...

Sempre que o nosso solícito leitor veja qualquer local destas cartas sem pés nem cabeça e uma que outra vez até sem corpo... não faça juízos temerários; queremos dizer: não culpe o sr. Tipógrafo, nem o sr. Revisor, nem tão pouco o Autor, porquanto o «caso», regra geral, resulta de haver coisas que embora sendo verdadeiras não convém que se digam. Tá percebido...?

Crispino

Festa da Ascensão—No pretérito dia 11, realizou-se nesta Vila, a tradicional festividade em honra da Ascensão de Nosso Senhor, outrora a maior do concelho, senão a de todas estas redondezas. Constou ela duma destumbrante procissão de velas, para acompanhar a veneranda imagem de Santa Maria da Orada da sua capela para a Matriz, na véspera; e, no dia, de missa solene, a grande instrumental, sermão, pelo rev. Arcepreste concelhio, e, de tarde, uma grandiosa e imponente procissão daqui para aquela vetusta capela e vice-versa.

Foi abrilhantada pela Nossa Banda, tendo sido grande a concorrência de festeiros, e assim deve ser, pois as dificuldades que no momento tanto nos afligem não se hão-de vencer com sentimentalismos piegas, mas com fé, optimismo, coragem e... golpes de audácia—predicados que nunca faltaram aos portugueses.

Desastre de viação—Quando, no pretérito dia 12, o sr. Armindo Fernandes, de Pias, Monção, seguia com o seu automóvel pela Estrada Nacional, levando em sua companhia quatro amigos, ao descrever a curva da ponte do Bairro Grande, Penso, despistou-se e caiu com o veículo no regato, do que resultou ficarem todos mais ou menos feridos, pelo que vieram receber curativo ao Hospital desta Vila.

Finados ilustres—No passado dia 11, pouco depois de termos enviado a nossa carta para a Redacção, chegou até nós a infausta notícia de ter falecido no Porto o sr. Artur Pires Teixeira, capitalista e um perfeito gentleman, que pela sua delicadeza, fino trato, lhanza e carácter implacável, tinha um amigo em quantos o conheciam.

O saudoso extinto, era filho do grande melgacense que em vida se chamou João Pires Teixeira e de sua esposa D. Ursulina Lopes da Silva Teixeira, e casado com a sra D. Alzira Rodrigues Teixeira, à qual, bem como a seus filhos, ausentes no Brasil, e demais família, apresentamos sentidas péssimas.

—No mesmo dia, também fomos dolorosamente surpreendidos com a notícia de ter falecido, em Caminha, o venerando ancião sr. António Pereira, de 92 anos, filho de Bernardino Pereira e de D. Marcelina Rosa Esteves Cordeiro, viuvo, desde 12-8-1952, de D. Rosa Meleiro, e irmão do grande armazenista da Capital Marcelino Ilídio Pereira, já falecido, cujo funeral se realizou neste mesmo dia, daquela vila para o cemitério de Penso, terra da sua naturalidade.

O finado, que era pessoa muito prestigiosa e estimadíssima, nem só em Penso como também em todo o concelho, era pai das sras D. Emília, D. Ana e dr.ª D. Maria Manuel Pereira e dos srs. António, comerciante em Caminha, Francisco, idem, idem, Manuel, Bernardino, Celestino e Joaquim Pereira, aos quais aqui lhes deixamos consignadas as nossas sentidas condolências.

Peixe podre—Dizem-nos que o chicharro que na tarde do dia de hoje chegou a esta Vila, era completamente podre—e assim nos pareceu, por isso que o recusamos... Mas vendeu-se, vai ser comido e... seja o que Deus quiser.

O tempo e a agricultura—As vinhas estavam a acabar de ter uma floração magnífica, mas como há dois dias chove torrencialmente... é possível que isto lhes dê bordoadas. Veremos lá para o S. Pedro...

As terras, umas pelos processos arcaicos, outras pelos modernos, vão de vencida.

—Agora, aos interessados, lembramos que em Junho podem semear:—agriões, alfaxes, betarraba para saladada, cenouras, chicórias, couves diversas (especialmente brócolos), ervilhas (*), feijões (a), mostarda, nabos (fim do mês (a)), rabanetes (*), salsa, etc.

—Nas terras de lima, ainda se podem plantar batatas; sulfatar, enxofrar, sachar, mondar e regar frequentemente; capar os melões, ceifar os centeios, semear as terras de pragana e lameiro, vigiar as colmeias e recolher os enxames novos.

(*)—Onde não faizte água para rega permanente.

Até ao S. Pedro tem a vinha medo

PRADO, 26 Carta aos moços

pelo Dr. Abel Varela e Seixas

Parece que não más garantilhes que com o presente número completa «A Voz de Melgaço» quinze anos de existência—idade insignificante na vida duma pessoa, é certo, mas já de bastante peso o motivo de orgulho na dum jornal, sobre tudo se este olha para o caminho andado e não topa coisa que o possa fazer corar. Este o caso de «A Voz de Melgaço»...

Gostaria agora de aproveitar o ensejo e fazer algumas considerações sobre o nosso QUINZENÁRIO; como, porém, considerado que se como sendo da família... tal não faço pois grandes suspeitas desabarilhes sobre mim se o fizesse, e eu já nem sequer posso com uma gata pelo rabo... No entanto, sempre lhes digo, aqui muito em segredo, que do bom conceito e subida estima em que é tido «A Voz de Melgaço» não é preciso que eu lhes fale, pois basta que o façam os seus numerosos assinantes, entre os quais nada menos de Sessenta e Seis que desde 1948 a esta parte sem que eu nada lhes pedisse, fizeram a sua inscrição por meu intermédio. E' sintomático pois não é?...

Pois que «A Voz de Melgaço» continue a dobrar muitos anos, e nós que os vamos contando podem crer que neste momento são os mais ardentes votos que posso formular.

PARA AS VITIMAS DO TERRORISMO EM ANGOLA—A Comissão Concelhia organizadora da campanha para recolla de donativos a favor das vítimas de Angola, encarregou a Ex.ª Sr.ª D. Maria Amélia Vaz Gomes Pinheiro de tratar dessa Santa Cruzada nesta freguesia. Esta virtuosa Senhora—que é a bondade personificada—por sua vez, arranjou três comissões, cada uma com sua área, assim constituídas:

1.ª Comissão:—D. Maria Amélia G. Pinheiro e menina Alice da Encarnação Lopes Salgado;

2.ª Comissão:—meninas Belarmina Rosa Vaz e Clara de Jesus de Sousa Lobato;

3.ª Comissão:—D. Magnífica da Conceição Soares Calheiros Gonçalves e menina Esmeralda da Conceição Ribeiro.

Ora, posta em campo tão activas, dedicadas e altruistas mamposteiras, pronto foi angariado:

Pela 1.ª Comissão: um lençol, um travesseiro, uma toalha e dinheiro; oferta da Sr.ª Senhora que não quis

(Continua na 4.ª pág.)

E para vós, rapazes de Melgaço, que tendes a suprema honra de estardes na actividade militar que vos dirigimos esta meia dúzia de palavras. Sinceras, leais, francas. Dum homem da rua como vós que, outra coisa não tem feito através da vida, que não seja defender os pequenos das incongruências de alguns grandes; da usura de muitos ricos, os que precisam; da falta de cristianismo, de alguns crentes de fachada. Mas sempre dentro dos princípios da ordem e da tri-logia Deus, Pátria e Família; integrado nos ditames duma Revolução que há-de—queiram ou não—levantar-nos, como já estamos, ao ponto de sermos vítimas da inveja, das ciladas, do próprio crime de genocídio.

Pois bem, rapazes! já alguns de vocês partiram para a nossa portuguesa—que, graças a Deus, fizeram-nos como bons portugueses—que, graças a Deus, somos!—cantando e rindo, à moda serrana, da nossa terra. Não nos enganamos afirmando que, nenhum de vocês voltará a face no momento do perigo, que o mesmo é que na hora alta da luta ardorosa pela Pátria; cada um será um condestável; honrando a terra ao norte mais cimeira, de Portugal.

Houve um Pai Português, que tendo os filhos em Angola lhes ordenou que não abandonassem aquela terra, afirmando-lhes:

—«Brevemente estarei aí entre vós, para vosso maior conforto e alegria, para ajudar a defender os nossos lugares, os nossos terrenos, defendendo assim com orgulho e sem medo a bandeira e a Pátria portuguesa!»

E a terminar:

—«Todo o português que se não une, nesta hora, para defender a sua Mãe-Pátria, é mau filho—não é português.»

Que belo exemplo o deste senhor António Pereira Giestas, de Vouzela!

Rapazes de Melgaço e moços da nossa terra! Vós, por mercê de Deus, estais a viver daquelas horas mais altas dum patriotismo total, que não nos foi dado viver. Que honra e que orgulho porque, haja o que houver, vós sereis daqueles a quem os villos, não se envergonharão dos vossos nomes. Dos vossos Pais, alguns já por lá andaram, noutras épocas, inspiradas pela mesma covícia, pela traição de falsos amigos. Em tempos, uns; agora, outros.

Também vos digo, para que o sentimento de vaidade—que em certos casos se admite—viva em alto grau, que houve também quem viesse dessas bandas e se «divertisse ostensivamente nos casinos». Dizia-o o «Diário Popular» de 24 do mês findo, reproduzindo uma carta do senhor Francisco Ribeiro, que assim se exprimia, em certo passo:

—«Mas pior sintoma, para mim, é ver a deserção de homens válidos naturais de Angola, onde já nasceram seus pais e talvez os avós, onde tem interesses e contractos, onde deixam empregados a braços com perigos e dificuldades sem conta e vem agora para a Metrópole nesta hora trágica divertir-se ostensivamente nos casinos, fazer vida larga e ainda criticar os metropolitanos porque não dão a devida assistência a Angola.»

Mas destes, não contam para nós. E certamente não os há, concerteza, pelas nossas terras. Transfugas. Não! O sangue minhoto, é rubro e caçoante; a nossa gente nova, é valente e destemida. Esses não contam, como não contaram alguns que houve, na guerra de 1914-1918—que, para não irem, abalaram fugindo, pelas sombras da noite, para a vizinha Espanha... Cobardes! Traidores!

Ide, bons rapazes! É de vós que tendo uma mão no arado e outra na espada, a Pátria depende! A nossa idade, caros companheiros de armas, é daquelas em que, infelizmente, o nobilíssimo Exército de Portugal, já nos dispensa; mas digo-vos, como disse há

(Continua na 4.ª página)

Sobre o Simbolismo das Armas Municipais de Melgaço

(Continuação da 2.ª página)

victus. E' dos documentos mais liberais e de maiores regalias do País. E' realmente uma razão forte para em tal dia e mês dever ter lugar o feriado do concelho, como tem sustentado um conterrâneo erudito.

A quinta ou **coraçõzinho**, como lhe chamam os alemães (Herzchen) com **onze** (3-2-3-2-1) argentinas peças ou moedas de resgate (há textos a chamar-lhes **pesantes**) remonta precisamente à época do Rei Povoador e das Cruzadas. Efectivamente os besantes de ouro ou prata indicavam países que tomavam parte nessas expedições para a reconquista dos Lugares Santos. Pode respeitar também (a quinta) por feliz coincidência à **Chaga Cardeal do Redentor** — Nascente Puríssima em que até «o impio sequioso bebe, sacia-se e não vacila em injuriá-Lo». (Camilo).

E por ser de **azul** lembra um firmamento **semeado** de estrelas, porquanto **onze** também corresponde simbolicamente a um **número indeterminado**.

Sim, um céu de safira, insinuante da Verdade, onde brilham os inúmeros privilégios da formosíssima constelação mariana, a quem Dante dedica, nada menos de **trinta e oito altares**, na catedral assombrosa do seu Poema Sublime em cem cantos.

E o povo fiel e vigilante da abençoada terra de Melgaço não se esquece de contemplar — como os seus antigos leões de antanho — a Bendita Mãe de Deus, confiada, resignada e perenemente nas sagradas imagens de Santa Maria da Porta (orago da vila) e de Santa Maria da Orada que tantas vezes o tem lavado de flagelos e designadamente da **peste grande** de 1569.

E sempre disposto a defender o **terruño** (como jove dizer do outro lado do rio) com unhas e dentes, sem se importar que o coração **lhe estoure ao fim da uma refrega** encamiçada, como o do **leão** de Junheiro no primoroso terceto que nos serve de motivo ao presente estudo.

EM CONTRA-CHEFE, TRES FAIXAS ONDADAS, DUAS DE PRATA E UMA DE AZUL.

Temos, assim, figurada na **ponta**, do escudo, o rio magestoso de abundante caudal que constitui o limite separatório da irredenta Galiza que, em grande parte, esteve quase a passar definitivamente à nossa posse no reinado de D. Pedro II.

Só um trecho de rio semelhante a um lago como o que se observa na margem esquerda do Minho, junto ao Peso, batido pela calma placidez do plenilúnio de Agosto, poderia inspirar Beethoven no maravilhoso **adagio** da sonata imortal **Ao Luar...**

* * *

Seguem-se os remates do escudo: Em cima a corôa mural de quatro torres de prata a patentear a soberania municipal e em baixo, a moldura ou listel branco designativo da vila a que concernem as armas.

* * *

Nestes tempos amargurados e sombrios em que umas tantas alcateias de **leopardos** e matilhas de **hienas** e **mabecos** pretendem dominar e vencer pela traição o nosso tão manso mas vigoroso **elefante** angolano, é muito salutar ir pensando e meditando na resistência indomável de que os portugueses tantas vezes deram inequívoca demonstração, tanto na defesa do solo metropolitano como na do ultramarino.

Aos nossos «amigos mochos» que nos perguntam ou insinuam se os presentes sofrimentos não serão a **retribuição** de pecados graves, visto que o próprio Deus **parece** surdo aos lamentos de tantos infelizes, podemos afirmar-lhes que estes, baseados nos ensinamentos eternos do **Livro de Job** — monumento histórico e didático de primeira grandeza — não quebrantaram a sua confiança na Justiça Divina e não de separem com felicidade a prova.

O «Beemot» (**elefante**) é o princípio dos caminhos de Deus; aquele que o fez, aplicará a sua espada. (Job-XL-14). Admirável figura da obra prima do Criador!

Os eruditos supõem o maior dos animais terrestres equivalente a um enorme castelo guamecido de frecheiros...

E ele — emblema característico da Boa Memória e símbolo principal das armas de Angola — era tão

Por Santa Rita

MAIS UMA GRANDE JORNADA

28 000\$00...

A CASA DA MESA, QUASE PRONTA...

O ALTAR DE SANTA RITA...

QUE LINDO PAINEL DO BOM PASTOR...

MUITOS ROMEIROS SOBEM DE JOELHOS...

UMA GRANDIOSA PROCISSÃO...

CENTENAS DE COMUNHOES...

A OBRA CONTINUA...

O LAR DE SANTA RITA...

Ficará para sempre memorável esta jornada de Santa Rita do ano de 1961.

O tempo ameaçava surpreender-nos com alguma trovoadá rija e foi este o motivo, por que muitosromeiros tiveram de retirar, logo após o cumprimento dos seus votos. Outros, com receio, já não subiram.

Mas foi uma grande jornada. Não chegamos a juntar os 35 000\$00 do ano transacto e foi pena, porque bastante falta nos fazem todos os recursos, para esta obra.

Já temos entre nós o ante-projecto do Lar de Santa Rita, para pobres, com doenças incuráveis e, pelo que vemos, trata-se dum grande edificio a levantar nesta serra, que já o espera e, na verdade, já tarda.

O Sr. Eng.º Mário Leitão veio cá outra vez, como grande amigo de todas estas obras e não quis subir, sem nos trazer o esboço da obra que vamos tentar erguer, em honra de Santa Rita.

Pois bem, o carinho dosromeiros aqui nos trouxe mais 28 000\$00. E já tudo foi entregue... Já não nos resta nada, pois os nossos credores não podem esperar mais.

III

A casa da mesa não ficou ainda pronta, mas lá vai. Já tem a sua telha, já está forrada, tem as janelas e vidros do andar de cima e vamos cuidar de preparar tudo, para que fique pronta o mais rapidamente possível.

Ainda fazem falta alguns milhares de escudos, mas eles não de aparecer. Nunca aqui nos faltou dinheiro, quando era preciso.

Os pedreiros é que se foram embora e com que pena os vimos partir, nós que tanto precisávamos da sua presença, para se completar a obra que lhes diz respeito... Mas lá foram, com o aviso, é certo de que não andem por muito longe, já que esperamos por mais donativos dentro de breve e os seus trabalhos fazem-nos muita falta.

Ficam os homens do fogo, pois é necessário encher aquele vasto terreiro, que já contávamos estivesse pronto, para a festa, mas as chuvas não nos deixaram trabalhar mais.

Vamos abrir os alicerces da casa dosromeiros, para que no ano que lá vem, aqueles que de longe tem as suas promessas e sabemos que há devotos de Santa Rita em Valadares até, as possam cumprir.

Como nós precisávamos aqui duma «trovoadá» de notas...

III

Que lindo ficou o altar de Santa Rita! Assim pintado a primor, com tanto gosto e arte... Como fica bem ali a imagem de Santa Rita, assim mais estimada... Nunca nos esquece a impressão desoladora de uns amigos eromeiros que, no ano passado, vieram de Lisboa aqui e encontraram um altar velho, sem pintar... Pois o altar, agora, até parece novo, graças a Deus.

E o altar-mor? — Vale a pena vir aqui só para ver. Que mimo de painel, representando o Bom Pastor, com as suas ovelhinhas... A leveza de tintas, o rosto de Jesus, à frente das suas ovelhinhas e estas atrás e ao lado, seguindo-O... Em cima, as palavras: Vinde a mim todos! Oh! sim, vale a pena vir aqui, para se ver o altar-mor.

E eu não sei se se recordam de que fui ásperamente

(Continua na 6.ª pág.)

pacífico, caminhando tranquilamente a passo de andadura por muito tempo; mas quando achou que e soara a hora de acelerar a marcha não teve um momento de hesitação... E agora, com a tromba que lhe serve não só de lábio, mão, dedo e braço mas também de vergalho e gládio não é difícil prever o que e sucederá... Aguardemos pois, com calma, dias propícios. AMEN.

GUIMARAES, dia da Ascensão do Senhor (e feriado de Melgaço) ou seja, 11 de Maio de 1961.

Prado, 26

(Continuação da página 4)

Albino Cândido Trancoso, filho de Jerónimo José Trancoso e de Maria Rosa Esteves, casado com a sra. Maria Augusta Afonso, natural de Rouças, onde nasceu em 1-8-1885. Era um homem sério, honesto e trabalhador, pelo que a sua morte foi muito sentida.

Reposse em paz o querido amigo e a toda a família enlutada, nomeadamente a sua viúva, a suas filhas sras. Amália Albertina, Glícinia, Alice e Maria Aurora, e a seus filhos srs. Bento, Cícero Cândido, Albino, Adolfo Olímpio e Júlio Trancoso, representando sentidas condolências.

—Regressou de Lisboa a menina Esperança da Glória Gomes de Sousa, trazendo daquela cidade uma soberba máquina de tricotar super-automática «Bascia», com a qual, como já pode observar, executa com perfeição todos os trabalhos em malha, em qualquer ponto ou matiz que lhe sejam confiados, a preços que se irrisório.

—Com sua esposa, srta. prof.ª D. Maria Amélia Morgado Santos Ribeiro e gentil filha, menina Maria da Conceição, esteve aqui com toda demora o nosso estimado amigo e assinante Sr. João Baptista Gonçalves Ribeiro, muito digno ajudante da Secretaria Notarial de Viana do Castelo.

—Também com carta de morte, esteve na «Quinta da Serra» de visita a seus Ex.ºs Pais, a sra. D. Maria Edite Natércia Gomes Pinheiro de Almeida, do Porto.

—Para França seguiu no passado dia 21 o Sr. Adalberto Domingues, do Arrochael que teve a gentileza de me apresentar cumprimentos de despedida e se inscrever como assinante de «A Voz de Melgaço». Grato a boa sorte.

—Inscreev-se para receber uma criança orfã, vítima dos terroristas de Angola, o nosso bom amigo e digno cabo aposentado da G. F. Sr. Aníbal Viletes. Ora aqui está um exemplo digno de ser imitado por muitos ricos, sem família, que antes preferem ter um caõzinho e alimentá-lo a boios e costeletas do que repartirem as sobras da sua mesa com estes humilhados, para quem a sorte foi má-drastra...

—Com o nome de António Emídio, foi baptizado, na igreja desta freguesia, no passado dia 21, um menino

(Continua na 6.ª página)

Por Santa Rita

(Continuação da página 5)

repreendido, quando se fez o altar, precisamente este, e não se colocou lá acima a imagem de Santa Rita. Foi o cabo dos trabalhos, para se compreender que embora a igreja fosse dedicada a Santa Rita, o altar-mor devia pertencer exclusivamente ao Pai, ao Senhor.

Tudo para Ele!

Ficaria pois o altar-mor para Ele. Mas o povo não compreendeu. No entanto deixou-me e foi bem assim.

Mas que lindo altar! Venham, venham, que vale a pena subir por estes dias de verão, até Santa Rita e rezar aqui, junto do Senhor que no sacrário, vivo como nos Céus, nos está a escutar.

|||

Eu só queria que vissem a fé da nossa boa gente e a sua devoção a Santa Rita: — Mães com as suas criancinhas ao colo, vindo de longe e de joelhos; homens, até bastantes homens, fazendo as suas romarias de joelhos e alguns vindos de longe...

O respeito que se notava no templo, a compostura, com que se rezava, a piedade, a devoção...

Parece que esta igreja será o centro duma grande vida eucarística. E é esta a grande graça que esperamos do Céu.

Tudo para Jesus. Tudo para Ele!

|||

A procissão foi grandiosa. Vinham os primeiros homens da frente a entrar na igreja e ainda as mulheres davam a sua volta junto ao cruzeiro, lá acima, na estrada.

Foi grandiosa esta procissão. Os andores ficaram uma maravilha e o respeito que se notava, era muito grande.

Mas o que mais nos consolou a todos, foi o grande número de comunhões. Muitas comunhões e tantas, que, no mesmo dia, foi preciso mandar ao hospital pedir mais hóstias para consagrar.

Graças a Deus! Os Senhores Padres estiveram por largo tempo no confessionário, a atender osromeiros que de longe e de perto aqui vieram, para rezar, confessar-se e comungar.

Para o ano, se lá chegarmos, será preciso organizar estas novenas de outro modo. Como a casa da Mesa já está pronta e esperamos que também as casas dosromeiros, teremos ali permanentemente um sacerdote para de manhã e de tarde atender a todos. É uma necessidade.

|||

Disseram-nos que falta uma coisa nestas festas de Santa Rita. E demos razão. Várias camionetas que façam serviço, durante o dia, de S. Gregório, de Lamas e de Ceivães, até à ponte da Carpinteira. Que faltam assim muitosromeiros, por mingua de transporte. Demos razão e faremos tudo, por que no próximo ano, se lá chegarmos, não falte este serviço.

|||

Pois, graças a Deus! Muitas graças sejam dadas a Deus. Vamos continuar com a obra. Santa Rita assim o quer. Vamos todos e vamos depressa. Como o tempo foge e como tudo isto anda tão devagar. Aos amigos de Santa Rita, se pede mais um esforço, todo o esforço, de que possam dispor. Todos! Mas todos!

Pois se já temos aqui o ante-projecto do Lar de Santa Rita! E nós ainda não acabamos esta obra da casa da Mesa e dosromeiros. Vamos pois. Santa Rita o quer. Deus também o quer!

P. S. — Não podemos deixar de agradecer aos Senhores Padres que aqui vieram e foram sete, já que outros tiveram de ir à Peneda ajudar o Sr. Abade que ali está isolado, aos Srs. Padres, que aqui vieram, alguns, no domingo e na segunda e que nada quiseram pelo seu serviço para assim ajudarem esta obra, os nossos agradecimentos.

A todo o Povo e a todos aqueles que trabalharam conosco, o nosso agradecimento.

E até para o ano, se Deus quiser.

P. Carlos

Prado, 26

(Continuação da página 5) — Chegados de Lisboa, filho do sr. António (Aur) onde vieram por motivo do falecimento do seu velho pai e avô, estão entre nós os irmãos sr. Bento e a srta. Alice Trancoso, bem como a sobrinha de ambos srta. Alice Trancoso, bem como a sobrinha de ambos srta. Palmira da Luz Trancoso. — C.

Semana de Ultramar

Promovida pela União Nacional e Presidência da Câmara Municipal realizou-se no passado dia 26 do corrente nos salões dos Paços do Concelho uma brilhante sessão, integrada na Semana do Ultramar Português.

Na Presidência o Sr. Professor Rodrigues que abriu a sessão, dando a palavra à Senhora Professora D. Aurora Domingues, de S. Paio que leu um trabalho muito apreciado e aplaudido, sobre «A mulher no actual momento português».

A seguir, falou o Sr. Dr. Artur Anselmo que proferiu um vibrante discurso, em quadradro no tema: — O Ultramar e o Direito.

Foi uma bela oração que o público aplaudiu com entusiasmo, vitoreando o herói da resistência ao contínuo internacional, Sr. Dr. Oliveira Salazar.

Foi uma sessão inesquecível e oxalá que outras se façam, sobretudo numa hora, em que é necessário divulgar a boa e sã doutrina num ambiente que, tantas vezes é de podridão e de cobardia e de recusa de combate.

Para as vítimas do terrorismo

Foi a Senhora Professora D. Maria Fernanda Pinto Coelho Durães, convidada por S. Excia. o Senhor Governador Civil do Distrito, Major Tristão Baccelar, para presidir a uma Comissão de Senhoras que neste concelho angaria-se donativos, para as vítimas do terrorismo em Angola.

Esta ilustre Comissão por correu sacrificadamente todas as freguesias do concelho, levando, com o seu carinho, uma palavra de coragem e de incitamento e o volume das ofertas eleva-se acima de 30.000\$00.

Não podia esta Embaixada de carinho estar em melhores mãos e a prova af está à vista, pelo que se conseguiu juntar.

E também foi esta uma boa oportunidade, para, mais uma vez, ficar patente que o povo de Melgaço, tantas vezes caluniado, está sempre presente e unido nas horas grandes da nossa pátria.

As Ex.mas Senhoras Prof.ª D. Maria Fernanda Pinto Coelho Durães, Prof.ª D. Emília de Magalhães, D. Leonor Durães Lima, D. Maria Teresa Carabel D. Laura Teixeira, D. Adalgiza Passos de Almeida e Menina Maria Amélia Esteves os nossos parabéns, bem como a todas as Ilustres Comissãs das freguesias, presididas pelos reverendos Párocos e Ex.mos Professores,

PARA A HISTORIA LOCAL DA UNIÃO NACIONAL

«Foi agora distribuído o último número do Boletim da União Nacional e algo atrasado vem por se dizer referente a 15 de Março do corrente ano.

Nele se diz haver tomado posse em Viana no passado dia 16 de Janeiro a Comissão Concelhia de Melgaço e por causa dos discursos se fica sabendo ser presidente da comissão empossada o professor José Augusto Lourenço, que, salvo melhor parecer vive no vizinho concelho de Monção, onde tem a sua residência legal e a voluntária.

Ora isto basta para negarmos os nossos emborços a quem a nomeou e a quem a forma também.» (Do «Notícias de Melgaço» de 21-5-61).

Do mesmo «Notícias de Melgaço», mas em 5-2-61, n.º 1388:

União Nacional

«Sob a presidência do Ex.mo Governador Civil do distrito e com a assistência de diversas entidades deste concelho, realizou-se há dias no Governo Civil, a posse da Comissão Concelhia da União Nacional da Melgaço, que ficou assim constituída:

Presidente: sr. prof. José Augusto Lourenço, vice-presidente, sr. Dr. Manuel Joaquim Gonçalves Ribeiro; vogais: srs. Dr. João de Barros Durães, Manuel Romano Lobato, Armando da Mota Solheiro, Anibal José Alves e Américo da Rocha.

A nova Comissão os nossos parabéns. Sem comentários...

Por terras de França

(Continuação da 1.ª página)

Naquela tarde, fomos visitar uma senhora, dos lados do Porto. Seu pai fora caseiro e criara 11 filhos. Uma das suas irmãs era esposa dum Médico daquela cidade. A Senhora Sousa contou-nos a sua vida. E que vida, de trabalho, de dedicação ao seu feliz lar e chorou, quando nos disse da sua mágoa, por não vir até ali nenhum Sr. Padre português, a visitar a nossa gente. Seu filho, que estava para fora, logo que soube da nossa visita, veio prontamente, trazendo à sua estimada mãe, o carinho dum filho cheio de ternura. Como sua mãe gostou de que ele visse também ter connosco.

Outros portugueses por ali viviam e trabalhavam. Não é que ali se ganhe muito, como em Paris, mas ganha-se bem, o suficiente, para se poder viver com desafogo.

A Senhora Carolina, de S. Bento da Porta Aberta, a «joyeuse» de S. Bento, de 60 anos, era duma vida que faria inveja a muita gente nova. Claro que nos lembrou a terra e as grandes festas de S. Bento.

E como boa portuguesa, lá tinha no jardim manjericos, que todos levaram como recordação.

Visitamos mais amigos do Sr. Merim e todos haviam de ter, uma palavra de incitamento e de coragem, para a missão que ia cumprir.

A tarde ia findando e nós aproximamo-nos da nossa casa. Era o dia 13 de Agosto.

(Continua)

POR ABSOLUTA FALTA DE ESPAÇO

Não publicamos: «Gente e Coisas do meu Ficheiro», um artigo de Alberto de Castro, e parte da crónica «Por Terras de França». Que nos desculpem.

Sociedade

Aniversários

FAZEM ANOS: — Hoje a sr.ª D. Ermelinda de Faro Rocha e o sr. Agostinho

os nossos parabéns.

Também queremos lembrar o trabalho do Grémio da Lavoura e da Delegação Escolar na primeira recolha dos donativos.

Oxalá que terminem em Angola estes actos de selvageria impróprios deste século e dum civilização que tanto herdou de Cristo morto no Calvário.

Alves; no dia 4 o sr. José Augusto Ribeiro; no dia 5 o sr. P.e Justino Domingues e o jovem Cláudio da Rocha; no dia 9 a sr.ª D. Rosa Rodrigues Gomes Domingues e os srs. Abel Augusto Rodrigues (Barneilhas) e Alberto José de Caldas; no dia 10 o sr. Luis Henrique das Neves Pinheiro; no dia 12 a menina Rosa de Lourdes Caldas; no dia 14 os srs. António Fernandes (Ponso) e Lindoro Solheiro de Oliveira; e no dia 15 o sr. eng.º Edgar Tito Pinto Ribeiro.

a VOZ de MELGAÇO

Director e Administrador:
JULIO HILARIÃO VAZ

Quinzenário católico e regionalista

Redacção e Administração, interinas — Residência Paroquial — Melgaço
Propriedade e impressão da «Empresa do Diário do Minho, Limitada — Braga
AVENÇA

Chefe da Redacção e Editor
CARLOS ANTÓNIO VAZ

CUSTO DA ASSINATURA ANUAL: 20\$00

ANO — XVI — N.º 235

Melgaço, 15 de Junho de 1961

MAIS UM ANO

(Atrasado na Redacção)

... Nem sequer me lembro do ano em que esta nossa "Voz" começou a entoar vinda do mais fundo da terra que a todos foi berço, filha necessária de um esforço sagrado de expressão que havia de, ao fim de tantos anos passados, manter-se a mesma, ou quiçá mais forte — quanto é certo que a época se complica, os problemas aparecem mais imperiosos, o progresso lavra caminhos numa marcha franca e cada vez mais decisiva. Mas tenho presente como e quando o meu amor por ela nasceu, ou que, sem ser preciso explicar com um pouco de história individual, me dá todavia direito a vir aqui, a estas colunas de meus primeiros passos, juntando a minha alegria ao hino de festa que todos, os que ainda colaboram, os que a assinam, os que a amam ou simplesmente admiram, cantam no mais íntimo de si mesmos, em regozijar seu feito. Regozijo de saberem que hoje, como há muitos anos, há uma "Voz" inconfundível — que só poderia ser a de Melgaço — que se mantém viva e legítima. Todos têm a certeza de que jamais, fossem quais fossem os interesses particulares, nunca nenhum houve, a que ela cedesse. As coordenadas em que se move, antes são ampliadas que diminuídas. Ontem, como hoje, o mesmo carinho por aquilo que é nosso, a mesma variedade na resolução de problemas, a mesma solicitude por parte daqueles que mesmo distantes, — enraizados nas suas freguesias (S. Paio, Fiães, Paços, eu sei lá...) continuam marcando a sua presença nesta pequena mas tão grande "Voz".

Voz do concelho, voz de Santa Rita, voz dos necessitados que por intermédio dela se expressaram, voz dos problemas. Não. Nada de artificios literários, nada de proeminências individuais, nada de rememorações evendadas. A "Voz" de Melgaço, esta nossa Voz, impõe-se por si, com a sua história, com a sua finalidade sempre ponta e lança. E quando uma história é verdadeira, quando se compriu com esforço, com sinceridade, sem perante nada se retrair, ou por nada abdicar, também nada se lhe pode apontar ou exigir.

Apenas devemos regozijar-nos por ela, hoje como ontem, continuar a cumprir-se, ultrapassando os limites de uma terra, e, vem conhecer fronteiras — sejam as de Portugal para a Espanha, da Espanha para o Canadá; do Canadá para o Brasil, ou para a África, a todos unindo num completo esquecimento de circunstâncias.

E Deus permita que ela continue a ser sempre: De Melgaço e para bem de Melgaço.

A. C.

A unificação melgacense

Todos devemos estar de mãos dadas, atentos e prontos para a defesa dos nossos direitos e interesses comuns e hoje sem desfalecimentos, não podemos pensar de outra forma.

Se houver compreensão, haverá união e assim progresso no trabalho e na defesa. Há defesas que há muito deviam estar concluídas mas se houver bairrismo tudo chegará ao seu fim favoravelmente.

Em Melgaço a morosidade de certos melhoramentos colectivos tem desprestigiado esta nossa querida terra, pois não é um ou outro melhoramento particular que vai dar o verdadeiro valor e principalmente quando se esbanjam importâncias fabulosas em casas particulares, algumas para servirem um ou dois meses em cada ano.

(Continua na 2.ª pág.)

O nosso aniversário

Envia-nos felicitações pelo nosso aniversário o dr. Ramiro Valadão, Director dos Serviços de Informação do S.N.I. e fê-lo, ainda, em representação do Senhor Secretário Nacional e dos funcionários da sua Direcção.

Nossos agradecimentos.

Estamos no 16.º ano

O nosso ilustre e querido colaborador, Mário, que tantas correções históricas têm feito, até aos que se julgam mestres, escreveu-nos a dizer: «A Voz de Melgaço não completou 14, mas 15 anos, já que o primeiro número saiu em 1 de Junho (aliás 31 de Maio) de 1946».

Muito gatos pela correcção.

Prenda de aniversário

Vaires, 28 de Maio de 1961
Exmo e Revmo Sr. P. e J. João

Os meus respeitos e sinceros cumprimentos.

Depois de várias vezes ter apreciado e lido «A Voz de Melgaço» quinzenário da NOSSA TERRA e do qual V.ª Rev.ª é meu digno Director e Administrador, venho por intermédio desta solicitar a V.ª Rev.ª se digne enviar-me na seguinte direcção: Justino Domingues, n.º 130 — Central Electrica — Vaires, S. et. Marie — France.

E juntamente lhe envio a quantia de 1.000 francos para custear a minha assinatura durante um ano. E sem mais me subscrevo de V.ª Rev.ª muito At. e ob.ºgado.

Justino Domingues

Por falta de espaço

Deixamos para o próximo número parte do trabalho da prof.ª D. Aurora Domingues, na sessão de 26 de Maio, e um trabalho sobre os livros da Sagrada Escritura.

Semana do Ultramar

DISCURSO DA PROFESSORA D. AURORA

DOMINGUES

É da praxe cumprimentar a assistência, segundo a categoria social. Eu porém, fujo a esse formalismo, cumprimentando a todos duma maneira geral.

Depois queria predispor para uma atitude de não exigência, não podem esperar muito de mim.

Pediram-me para dissertar sobre o tema — A Mulher Portuguesa na conjuntura actual — e eu, vou começar com uma série de lugares comuns:

— A hora de crise. Há marasmo, confusão e anomalia de mentalidades neste mundo de quem alguém já disse que anda esfomeado de ideal, que é órfão de amor. Há tentativas loucas que tentam ferir os justos e antiquíssimos direitos do nosso Portugal velhinho que, segundo o Professor Salazar "Está em África há 400 anos, o que é um pouco mais do que ter chegado ontem. Levou uma doutrina o que é diferente de ser levado por um interesse. Está com uma política que a autoridade vai executando e defendendo, o que é distinto de abandonar aos chamados "ventos da história" os destinos humanos. Pode admitir que a muitos custe compreender uma atitude tão estranha e diversa da usual; mas não pode sacrificar a essa dificuldade de compreensão populações portuguesas cujos interesses na comunidade nacional considera sagrados".

A hora é de África. A hora é dos Portugueses. A hora é da mulher Portuguesa.

Mas "é próprio dos grandes corações descobrirem as necessidades maiores do seu tempo e a elas se consagram". Também a mulher Portuguesa está, alerta no seu posto, disponível para receber e atenuar as angústias e perplexidades nesta hora de tragédia nacional. Desertar é trair; trair é cobardia, mesquinhez e a mulher Portuguesa nunca pôs medida na generosidade, na doação total de si mesma para a causa de Deus e da Pátria.

Ela compreende, agora mais do que nunca, que "a verdade da vida não se faz só com a inteligência, mas também e sobretudo com o sacrifício quotidiano do nosso sangue". Ela sabe cumprir a sua vocação de missionária que é amar servindo e servir amando e sofrendo.

(Continua)

Por terras de França

(Continuação do n.º anterior)

Quando, de manhã, me levantei, eram 8 horas e a santa missa estava marcada, por amável acordo do Sr. Merim e Sr. Abade, para as 10.30.

Por isso, fomos visitar, logo de manhã, algumas casas já conhecidas: a primeira foi a de uma bondosíssima Senhora de Moreira, Monção, que tomara o encargo de cuidar de um pobre ancião, muito doente, entevado, com os joelhos encolhidos, pelo desgaste do tempo. E com que carinho, com que dedicação...

Como ainda há tantas almas eleitas neste mundo. Para o doente, tivemos algumas palavras de conforto.

Junto vivem os compadres do Sr. Merim, numa pequena casa, muito bem cuidada. E, sobretudo, a harmonia a felicidade daquele lar, a que os filhinhos davam tanta graça e alegria.

Lembramos o Sameiro, e a sua freguesia de Panoias. E voltamos para a cidade.

(Continua na 3.ª pág.)

Da Vila

Junho, 10.

ECCE ITERUM CRISPINUS...

Primeiro em França, depois no Ribatejo e Alentejo, há mais de trinta anos que conhecíamos os tractores de lavoura; mas nunca supusemos — lá isso não — que os mesmos haviam de dar tão bom resultado nas terras melgacenses. E, portanto, o tractor do Grémio, tal outro César, chegou, viu e venceu. Quer dizer: deu um resultado — um resultado — que estava fora de todas as expectativas.

Campos, muito nossos conhecidos, que, em média, levavam 6 horas a lavar, viraram-se agora em menos de metade daquele tempo, ficando a lavra mais aprofundada, a terra menos calcada e melhor removida e... a obscurecer tudo isto, o serviço mais barato.

Não há dúvida que os tempos mudam e com eles — umas vezes para melhor outras para peor — também mudam os usos e costumes; mas neste caso a mudança é só de louvar e aplaudir, pois ela trouxe descanso e comodidade nem só às pessoas como também aos animais. Certo é que — como toda a medalha tem seu reverso... — os apreciadores da bela e tradicional posta de bacalhau albardado com ovos, dentro em pouco, em ar de fado, vão poder cantar:

Chorai, gulosões, chorai de dor,
Que o bacalhau lá se foi;
Pois agora as terras, a motor,
São lavradas por um tractor
Mais valente do que mil e um boi.

Sinal dos tempos...

CRISPINO

Notícias de Vidago — Informam desta localidade que a empresa V.M.P.S. anda ali a construir, no seu parque, uma magnífica piscina com todos os requisitos modernos para bem servir os aquistas frequentadores das respectivas Termas.

Folgamos com a notícia e só lamentamos que aquela Empresa não proceda do mesmo modo entre nós.

É bem certo que uns são filhos e outros enteados... Neste último caso estão as Termas de Melgaço desde 8-9-1922, data nefasta em que a empresa «Santos Sobral & C.» decidiu desfazer-se daquele rico manancial por... um prato de lentilhas o que viria a agravar-se em 24 de Abril do ano seguinte, com a incorporação da «Companhia das Águas de Melgaço» na «Vidago & Pedras Salgadas».

Peregrinação ao Sameiro — Presidida pelo nosso muito rev. do Abade, sr. P.e Justino Domingues, e num dos melhores autocarros da «Auto Viação Melgaço, Lda», saiu daqui, no pretérito dia 4, uma grandiosa peregrinação com destino a Braga, cuja viagem, tanto na ida como no regresso, se fez sem o menor contratempo.

Mercado semanal — No mercado que ontem se realizou nesta Vila os géneros a seguir mencionados tiveram a cotação seguinte:

Milho, meio decalitro, 10\$50; centeio, idem, 14\$00; feijão amarelo, idem 12\$00; idem rajado entre 13 e 14\$00, idem; idem branco desde 16 a 18\$00, idem; batatas a 1\$00 o quilo; cebolas a 1\$50, idem; galos, galinhas e frangos desde 30\$00, 25\$00 e 15\$00; ovos a 8\$50, a dúzia; ameixas a 2\$00, idem; e sardinhas a 4\$00, idem. Houve abundância de legumes e hortaliças, especialmente alfaces.

O tempo e a agricultura — Os últimos dias de Maio foram de inverno terrível — chuva tanto ou mais fria que a de Janeiro — de modo que não foi preciso esperar pelo S. Pedro para ver os estragos que este tempo causou nas vinhas; pois, infelizmente, cerca de dois terços das uvas nascidas lá se foram. Agora o tempo está afinado e nas demais culturas não há muita razão de queixa.

Parada do Monte, 10

Terminou o mês de Maria com a Igreja quase sempre cheia de fiéis. Pois a nossa gente conhece a hora grave que estamos atravessando. Por isso todos nós nos reunimos na Igreja pedindo a nossa Senhora que intercedesse por nós junto de seu bendito filho para que nos livre do terrorismo que actualmente engendrou a nossa província de Angola. Para o remate houve muitas centenas de comulhões. Entou o mês de Junho consagrado ao Sagrado Coração de Jesus, continuando a Igreja a ter grande concorrência de fiéis.

FESTIVIDADE — Realizou-se na nossa Igreja, na quinta-feira, 1 de Junho, a festa em honra de Santo António, a grande instrução mental pela banda popular de Ribeira do Monte subindo ao púlpito à hora própria o Sr. P.e de Barbeita que como sempre muito agradeceu. No fim saiu uma imponente procissão que percorreu o itinerário do costume. De tarde a banda tocou algumas peças do seu variado repertório.

CASAMENTOS — Consta-se em se os nubentes, Manuel Afonso com Glória Pires, do lugar da Lagarteira, e José Afonso com Piresa Rodrigues, do lugar do Carrascal. Aos noivos que são dotados de excelentes dotes físicos e morais desejamos as melhores venturas.

NASCIMENTOS — Deu

(Continua na 4.ª pága.)

Fiães, 13

CONVENTO — Para o restauro do Convento foi atribuída a verba de 40 contos e não 10 como saiu na última crónica.

VITIMAS DE ANGOLA — Em colaboração com a Comissão de Senhoras de Melgaço, no dia 21, depois do nosso pároco (à estação da missa dominical ter lançado um apelo aos habitantes da freguesia acerca da ne-

(Continua na 3.ª página)

Os americanos e Os peles vermelhas

(Atrasada na Redacção)

(Continuação do n.º anterior)

«Perante os despautérios inqualificáveis do incrível sr. Stevenson, não será descabido admitir que ele, mais dia menos dia, se volte contra o «feiticeiro» e peça, do alto da cátedra da confusa ONU a entrega aos pobres índios dos territórios de que os europeus-americanos os espoliaram, e estão a explorar, tais como Assunção, Caracas, México, Quito, Peru, etc.; e não deixará, também e por certo, o sr. Stevenson de pôr as suas dúvidas sobre a legalidade da anexação do Hovai, do Alasca, de Porto Rico e doutros...

Que diabo! Se a África deve ser, na nova teoria dos americanos, dos russos e de todos os afro-asiáticos, para os africanos, como o não há-de ser as Américas do Centro e do Sul para os índios?

E por que não há-de, igualmente, o «esforçado» paladino americano — o tal dos fardos de palha —, de advogar, no Conselho de Insegurança das Nações Unidas, a libertação imediata da Hungria, da Polónia, da Checoslováquia, da Estónia, da Letónia, Lituânia, China, Jugoslávia, Vietman, Coreia, etc., etc. das «garras» do Urso que fez delas, praticamente, suas colónias, não para as civilizar, como fizeram os portugueses, mas para escravizar as suas populações pacíficas e civilizadas? E porque não há-de, ainda, o famigerado chefe da delegação americana na ONU — a incongruência e a incompetência personificadas — de anatematizar os trabalhos forçados da Libéria, do Gana e da Guiné, e o funcionamento, na «defensora» dos sacrossantos princípios dos direitos e das liberdades dos homens da horrenda câmara de gás e da cadeira eléctrica? E, finalmente, por que não há-de semelhante político de opereta de atacar de frente, e incluí-lo na «sua agenda» — que é a dos russos — para conveniente discussão, o problema da segregação racial que impede os negros de frequentar os estabelecimentos de ensino, os teatros e cinemas, os restaurantes e hotéis, frequentados pelos brancos americanos?

Muito tinha que dizer Portugal se quisesse falar no novo pretório em que, até ao presente, o Pilatos da Casa Branca, pusilânime e sem rumo, nem sequer declarou «lavar as suas mãos» do sangue inocente já derramado na nossa progressiva e portuguêsíssima Angola...

E dizem-se nossos aliados e «amigos» e mancomunaram-se com o inimigo n.º 1 da Civilização Occidental e de todos os Homens e Povos livres do Mundo.

VENDEM-SE

duas máquinas de costura marca «Singer» em estado de novas. Ver no lugar do Cortinhal, Chaviães, Melgaço, com Dona Teresa.

AGRADECIMENTO

A Família de Albino Cândido Trancoso, na impossibilidade de agradecer pessoalmente a todos que lhe manifestaram o seu pesar, ou que de qualquer forma tomaram parte na sua dor, pelo falecimento do chorado extinto, serve-se deste meio para lhes dirigir a expressão sincera do seu indelével agradecimento.

Prado — Melgaço, 10-VI-1961.

Pinto de Magalhães, L.da

BANQUEIROS

CAPITAL E RESERVAS: Setenta e cinco milhões de escudos

PORTO — Rua Sá da Bandeira, 53 — Telef. 20133 (P. P. C.) 7 linhas
LISEOA Rua do Ouro, 95 — Telef. 36606 (P. P. C.) 5 linhas
AMARANTE * ARCOS DE VALDEVEZ * PENICHE * ELVAS * VILA DA FEIRA * FATIMA

CORRESPONDENTE NO RIO DE JANEIRO

Pinto de Magalhães, L.da — Rua do Ouvidor, 86

Faça render as suas economias depositando-as em

Pinto de Magalhães, L. da

BANQUEIROS

Todas as Operações Bancárias

Por terras de França

(Continuação da 1.ª pág.)

As 10,30 estava eu já no altar.

Gostei muito de celebrar aquela missa. Chovia, mas os assistentes eram bastantes e dei a sagrada comunhão a muitos fieis, entre eles, homens e rapazes.

Lá estavam rapazes da nossa terra, o Caçador, seu filho e outros, outros. Cá fora cumprimentámo-nos, abraçámo-nos e lembramos a terra mais linda do mundo, a nossa terra de Melgaço.

O almoço em casa do Sr. Merim seria, como sempre, regional, à portuguesa, não faltando o saboroso presunto de Melgaço. E partimos para Guegnon, visitando, de caminho, o Sr. Américo Merim e Família, mas pouca foi a demora, pois logo saímos para a casa da Sr.a Maria, onde se encontravam, com seus tios, os meninos do Sr. Merim.

Fomos presenteados pelo cão e os meninos correram logo para nós, a abraçar-nos. Que alegria a destes pequeninos, atirando-se para os braços de seus felizes pais...

Sentamo-nos para jantar. Mais uma vez foi lembrada a nossa terra, Melgaço e com que saudade...

Em casa do Sr. Martins e de sua Esposa, a Sr.a Maria, lá estava a infeliz viúva do chorado Menano, e 4 meninos, agasalhados pelo carinho daquele bondoso casal.

Como esta rapariga foi encontrar uma casa que a amparasse, ela que, tão novinha, se viu privada do carinho de seu marido e com os filhinhos por criar.

É empregada duma Sr.a condessa, onde aufera a remuneração mensal de 15 000 francos.

Decorria entre amena conversa, o nosso jantar, quando fomos surpreendidos por um senhor de certa idade, que, à porta, fingia tocar cavaquinho, prendendo seus dedos a um toco pau. Era o Artur Poeira, do Sobreiro, Cristóval, antigo serrador das nossas terras, com uma bellissima disposição, para entreter larga e amena conversa.

Fui-lhe apresentado e tive de ficar com o honroso encargo que ainda não pude cumprir de ir cumprimentar sua mãe, velhinha, que, já há muito não vê seu filho, mas a verdade é que ele não pode deixar sua esposa, também já avançada em idade e quase inutilizada.

Tivemos de ir a sua casa, ali perto. Em volta, uns pequenos valados, muito bem cuidados onde havia cortiços de abelhas, dezenas de nutridos coelhos, pombos e trutas num pequenino lago. Este Poeira é levado da breca...

Tivemos de sentar-nos à sua mesa e tomar alguma coisa. Foi o cabo dos trabalhos. Ali também não faltava nada: nem mesmo rum, vinho fino, vinho branco especial, aguardente e café. A viva força que se havia de provar de tudo. Não podia ser. Aquilo era dinamite. Não podia ser. Mas alguns tiveram de fazer a vontade; um deles, o saudoso amigo que pouco tempo depois falecia em Lião, apesar de todos os cuidados médicos, o Abílio. O Abílio, de Melgaço, como o recordo a ele que tão boa companhia nos fez. Lá estava na casa do Artur, um quadro de Nossa Senhora da Fátima.

Veio cumprimentar-nos um simpático lavrador do Sabugal, a quem um patrão de França ficara com o valor de 1500\$00. Vivia muito triste, pois estava sózinho, sem seus filhos e sua esposa. Que os ia chamar para junto de si. Que venderia as suas propriedades em Portugal e levaria para junto dele todos os seus. E como sentia pena de não se poder confessar por não saber francês.

Ali perto, um campo com 45 vacas de raça e um touro, vendido, há dias, para a Suíça, rendeu a modesta quantia de 2 000 000 de francos, disseram-nos.

• • •

O Sr. Joaquim e Família reclamaram também a minha presença na sua casa em Guegnon, ao que o Sr. António anuiu, pois tratava-se do irmão.

O mesmo acolhimento, o mesmo carinho e eu supunha-me na minha própria casa. A visita aos amigos do Sr. Joaquim e Família, que tanto nos estimaram e respeitaram, foi morosa.

Gostei muito do trabalho do filho mais velho do Sr. Joaquim, empregado duma fábrica, onde aufera um ordenado, que, alguns meses, sobe aos 5 000\$00. Um belo rapaz, antigo membro de Juventude da nossa vila, que tanto lembra o Sr. P. Justino.

Que bela jornada a de Guegnon!

Aqui recordei o pai dos meus amigos Merins, que, há pouco, falecera em terras de França, pois seus filhos quiseram que os pais estivessem junto deles nas horas, em que era mais precisa a presença.

Se todos fossem assim!

P.e Carlos

SOCIEDADE

Aniversários

FAZEM ANOS: — Amanhã o sr. António Barbeiros da Silva Júnior; no dia 17 a sr.a D. Anjora Elvira Alves de Moraes, meninos Maria José Inácio e o jovem Joaquim António Pereira Rodrigues; no dia 18 a menina Maria da Conceição Bealmeides; no dia 20 os srs. prof. Abílio Domingues e Alfredo Domingues; no dia 21 o sr. Emídio José de Castro; no dia 22 o sr. José Engénio Gonçalves Pereira Júnior; no dia 23 a menina Maria Luíza Inácio e o sr. José Manuel Solheiro; no dia 25 os srs. Manuel Augusto Pinto e Mário Bento Ralha-da; no dia 26 o sr. José Manuel Gomes Calheiros; no dia 27 a sr.a D. Maria de Lourdes Moraes; no dia 28 a menina Maria Henriqueta Lopes Malheiro e o sr. Armando Passos Pereira; no dia 29 as meninas Clara de Jesus de Sousa Lobato e Maria Fernanda Pinto da Silva e os srs. Adelino Domingues Manuel Pinto (Chavizes) e no dia 30 a sr.a D. Maria Joaquina Alves Soares e o sr. Armando da Mota Solheiro.

Fieis, 13

(Continuação da 2.ª pág.)

cessida em auxiliar as vítimas do terrorismo daquela (to nossa querida Província, um grupo de Senhorias e Meninas dirigidas pela Digníssima Professora da Açedela (D. Rosa Pereira, e pelo Presidente da Junta, percorreu todos os lugares da freguesia, tendo recolhido a quantia de 3.050\$00, que, juntamente com a verba de 670\$00, que as crianças da Escola angariaram e entregaram, no Grémio, perfaz a quantia de 3.720\$00. (Mais uma vez Fieis mostrou o seu amor à Pátria!

BAPTIZADO — Receberam no dia 28, as águas lustrais do Baptismo, uma criança do sexo feminino, filha de Ermindo Martins e Elvira Meleiro, do lugar de Soutomendo, a quem foi posto o nome de Maria Elisa.

FALECIMENTO — Faleceu no dia 20, no lugar de Soutomendo Rosa Esteves, de 85 anos, (muito estimada pelo que o seu funeral foi muito concorrido. Paz à sua alma e pêsames à família. — C.

ESTOU VIVO, E COM FERIMENTOS LEVES...

Com que alegria e emoção nos não foi dada escutar pela Rádio Oficial a voz deste bravo melgacense, **Júlio Lopes**, hospitalizado em Luanda em consequência de ferimentos sofridos na luta contra os bandidos em Angola.

Tinha sido dado como morto. Na verdade, havia sido ferido, mas sem gravidade e transportado para os hospitais de Luanda. Graças às diligências das entidades oficiais, o bom Filho da nossa terra apressou-se a dar a boa nova à Família: Estou vivo, e só com ferimentos leves, disse o Júlio Lopes, com a voz trémula de emoção.

Congratulamo-nos com os Pais e demais Família pois, tendo provado a amarga dor de perder o Filho querido, agora brilha no seu espírito a luz da alegria de o possuírem de novo.

Ao Júlio Lopes, e aos outros melgacenses que se batem contra os que nos querem aniquilar, o nosso muito sincero; bravo, rapazes!

A unificação melgacense

(Continuação da 1.ª pág.)

Felizmente que há um tempo a esta parte a nuvem provocadora dessa morosidade vai desfazendo-se deixando entrar raios de sol em diversos pontos melancólicos, começando as necessidades a desabrochar.

O resultado de certas iniciativas, para alguns benefícios tem sido a prova de que muito se poderia ter concluído e principiado e portanto a culpa não é do colectivo mas sim do individualismo.

Agora espertou do sono de alguns anos a Sede dos Bombeiros Voluntários de Melgaço, para ser utilizada e dar o benefício a que se destina. Será para os nossos vizinhos da outra margem do rio Minho a vergonha de há 4 anos não se conseguir a conclusão desta obra? Mas seja para quem for, agora é preciso ter brio não só os presentes como nós os ausentes, pois aqueles que se encontram em centros populacionais, mais valio devem dar a uma Associação deste género e a compreensão, de que é preciso estar bem organizada e instalada de forma a permitir uma rápida intervenção.

A vaidade dos habitantes de uma localidade não deve ser só na indumentária, no automóvel, nos motos ou no luxo excessivo de outras comodidades, mas sim, no conjunto de determinadas coisas indispensáveis, para que o luxo tenha o verdadeiro brilho aos olhos dos estranhos e haver maneira de defender esses mesmos haveres luxuosos como é o caso da Associação dos Bombeiros Voluntários de Melgaço.

Não esqueçam que este nome de Associação é derivado de um conjunto de sócios e que neste caso são indispensáveis para a conservação e continuação da mesma. Para progresso é preciso unificação, bairrismo e patriotismo. Sem isto, nada feito.

Lisboa, 30 de Maio de 1961.

a) AMILCAR JORGE FUNDINHO

« O meu ficheiro »

(Continuação da página 4)

fronteira com a Espanha; em Tibo recebe as águas do **Peneda**, rio que é formado junto ao Santuário do mesmo nome pela torrente que desce da Meadina e pelo **Tieiras**, cujo cume mede 1206 metros e é também ponto trigonométrico. Além deste, que é o mais importante, no lugar do Ribeiro, recebe outro curso de água, parece que denominado **Rio de Ossos**, e um pouco mais a montante de Podre, na sua margem esquerda, outro cujo nome, para já, ignoro. O **Laboreiro** é também um rio abundante em trutas; mas, especialmente desde Tibo à sua foz, é tão batido pelos aficionados da especialidade que as mesmas não põem pé em ramo verde...

(Continua)

MÁRIO

N. da R. — Por um lamentável lapso, a gravura que ilustrava a última crónica saiu trocada, pois trata-se de uma vista de Remoães e não do rio Minho em S. Marcos. Que os nossos estimados leitores nos perdoem o engano.

GENTE E COISAS
DE
«O MEU FICHEIRO»

HIDROGRAFIA MELGACENSE

Bem ou mal — mais mal do que bem — no último artigo foquei o rio Minho. Neste, porque o espaço não dá para mais, e até porque o que se não faz em dia de Santa Luzia faz-se noutro dia, focarei apenas o **Trancoso** e o **Laboreiro**, começando, como é natural, por descrever o primeiro.

Nasce este rio em Castro Laboreiro, nas proximidades de Portelinha; corre no sentido sul-norte e no seu percurso, que é de cerca de 18 quilómetros, banha e fertiliza terras de Lamas de Mouro, Fiães e Cristóval, na sua margem esquerda, e na direita outras de Padrenda e de Desteriz, lançando as suas águas no Minho junto a Cevide. Daqui até Porteiro — sítio histórico da falada freguesia de Castro Laboreiro, onde principia a raia seca, hoje de-fogo-morto, outrora chamado Porto dos Cavaleiros e mais antigamente Porto dos Asnos ou Porto Araújo — serve de raia entre Espanha e Portugal.

Em Alcobaca, lugar meiro das freguesias de Lamas e Fiães, recebe o seu primeiro e principal tributário: — a **Corga do Carneiro**, que desce do Gavião Grande, ponto trigonométrico que com seus 1255 metros de altitude é assim o sítio mais elevado do concelho de Melgaço. Exceptuando, talvez, a **Corga de Gonle**, nos limites das freguesias de Fiães e Cristóval, que nasce nos montes do mesmo nome, as demais fontes que, quer duma quer outra margem, lhe vão engrossando o caudal são insignificantes, pelo que em verão apenas dá para fertilizar as terras que lhe ficam ao alcance; mas no inverno o mesmo caudal é volumoso, embarracado e traçoireiro.

O rio Trancoso já foi abundante de trutas. Actualmente, porém, devido a condenáveis processos de pesca — passe o termo — só num ou noutro pouco mais fundo se poderá lobrigar alguma. Eirós, sim, há-os como em todos os nossos regatos.

Agora, quanto ao nome deste rio, este é deveras desconcertante. Em papéis antigos do disperso cartulário do Mosteiro de Fiães, chama-se-lhe **Doma** — nome que ainda prevalece num logarejo da freguesia de Cristóval, cujo topónimo deve ter seu étimo em **domina**, palavra latina que em português deu **dona**; e, se assim é... o referido lugar teria sido **vila** (quinta) duma dama nobre, cuja graça se sumiu na poeira dos anos.

Na primeira metade do século XVII já se lhe chama **Varzeas**, nome que tomou desta povoação — hoje S. Gregório — ainda assim denominada em 1815. Na Galiza, a povoação fronteiriça, conserva o chamadiço de **Puente Barjas**; e... já que avancei tanto, aproveito para dizer que em Fevereiro de 1850, chegou aqui o engenheiro de obras públicas do distrito de Viana do Castelo, António Nogueira Soares, para com as autoridades do país vizinho estudar a construção da ponte de madeira, velha relíquia que todos nós conhecemos, cuja vera effigie devia ilustrar estas linhas e que então ainda se chamava **Ponte de Barjas**, como informa o "Aurora do Lima" daquele tempo.

Por fim, quanto ao seu actual nome — **Trancoso** — dizem certos entendidos que este lhe teria sido dado em 1884, a quando da última delimitação de fronteiras entre Espanha e Portugal, em que as povoações de Assureira, Lapela e Cela — que em tempos antigos, conjuntamente com Alcobaca, constituíram o couto da Rumpeçilha — deixaram de pertencer a Portugal, ficando, assim, segundo os mesmos entendidos, o rio a **trancar** os dois países. Isto é realmente muito bonito e podia muito bem ter sido assim, se... se eu não conhecesse documentos bastante posteriores àquela data em que já se chama **Trancoso** ao nosso antigo **Doma**. Logo, portanto... passemos adiante e falemos do **Laboreiro**.

Ora este rio, ao qual o duque de Avila e Bolama chama **Fraguêdo** e os naturais **Fragoso**, o que vem a ser a mesma coisa, pois um e outros se inspiraram no seu leito, quase sempre apertado entre ribas e fragas magestosas e pitorescas, como por exemplo as da **Caldeira da Ponte Velha**, nasce também em Castro Laboreiro, nas proximidades das Falagueiras; corre de nascente para poente, passa a sul do célebre castelo seu homónimo e vai desaguar no rio Lima junto a Lindoso.

O **Laboreiro**, a partir de Ameijoeira, serve de linha de

(Continua na 3.ª pág.)

II Festival - Exposição do Vinho Português

Já são em elevado número as inscrições de expositores que participarão no II Festival-Exposição do Vinho Português, que a Câmara Municipal do Bombaral volta a realizar, de 15 a 30 de Julho, naquela Vila.

Tudo indica que o certame terá este ano maior projecção, pois além da inscrição de muitos viti-vinicultores, já ainda a registar a presença de muitas indústrias (ligadas à Lavoura, que apresentam os seus máquinas e os seus produtos agrícolas em magníficos stands).

Entre os exportadores de vinhos conta-se já com a inscrição da Companhia Agrícola do Sanguihal, Patuleia & Patuleia, Sociedade de Vinhos Egrados, e Sociedade de Comercial Pereira Bernardino; produtores de vinhos do Porto, do Dão, da Bairrada e de outras regiões vinícolas; representantes e fabricantes de máquinas agrícolas e de produtos fertilizantes.

Na secção de divertimentos funcionam inúmeras atracções do agrado do público, estando também a ser organizado um programa festivo, que terá a colaboração de grupos folclóricos de vários pontos do País.

Have á exposições de fotografias, de selos ligados à viti-vinicultura e de rotulos de garrafas, de marcas de vinhos nacionais, devendo os interessados dirigir as suas informações à Comissão Executiva do II Festival-Exposição do Vinho Português, onde também continua aberta a inscrição de visitantes sendo atendidos os que primeiro apresentarem as suas inscrições.

Parada do Monte, 10

(Continuação da 2.ª página)

à luz uma criança do sexo feminino a sra Dorinda Rodrigues, esposa do sr. Ventura Esteves, do lugar do Tablado. Mãe e filho encontraram-se bem.

O TEMPO E A AGRICULTURA — Após uns tempos de chuva e frio sempre veio o sol e o calor que tanta falta faziam. Principiaram os sachos dos milhos.

PARTIDAS — Para França partiu o Sr. Mário Afonso e a Sra. Emésina de Jesus Esteves.

DOENTE — Es á passando bastante mal de saúde, a Sra. Maria Luísa, do lugar do Paço. Desejamos as suas rápidas melhoras. — C.

Prado, 10

INAUGURAÇÃO OFICIAL DO ABASTECIMENTO DE ÁGUA

Com a presença do Ex.º Presidente do nosso Município, sr. prof. Manuel José Rodrigues, Pároco da freguesia, rev. sr. P.e Justino Domingues, autoridades locais e uma enorme multidão de povo, em que predominava o elenco feminino, foi, em 28 do mês findo, festiva e oficialmente inaugurado esse grande melhoramento público e de tamanho alcance social, qual é o abastecimento de água à freguesia — melhoramento pelo qual, desde 1948, tantas vezes aqui me debati, até que — graças a Deus e ao Governo da Nação desde 21 de Julho do ano findo, como o velho Semeão, sempre pude dizer: — "E agora Senhor podes chamar o Teu servo, porque os seus olhos já viram a salvação de Israel". No entanto, quanto a isto, não corre lá muita pressa...

O Sr. Presidente da Câmara, sempre muito avacoadado, visitou o depósito, lavadouros e fontenários, estes caprichosamente adornados com plantas de estufa e flores, e disse da sua satisfação por inaugurar aquele melhoramento, enquanto que o Manel da Laura se esfalfava a lançar bombas e foguetes...

No final, pela Junta de Freguesia, foi oferecido um fino beberete, que deu ensejo para trocar vários brindes pela prosperidade do Governo da Nação.

Nota — Ao sr. prof. Manuel José Rodrigues, apresento aqui as minhas desculpas, pois sei que S. Ex.ª me cumprimentou e eu — distraído — não correspondi ao seu honroso cumprimento. Que me perdoe.

Carta de Angola — Da martirizada provincia de Angola, escreveu há dias uma carta a tranquilizar seus velhos pais, o sr. Paulino Calheiros, de Santo Amaro, na qual, entre outras coisas, diz estar algo desviado da zona dos acontecimentos; mas — porque a prudência manda cavar o poço antes de se ter sede... — todas as noites, escupeta ao ombro, faz a sua rondasita (pois ele é da Milícia) para o que possa acontecer... Mais diz que ali lhe nasceram os seus 5 filhinhos e por isso, e até porque, ali é Portugal, dali não sai, e vivo ninguém o tira. Diz ainda que os portugueses são rijos, que não são os belgas, etc., etc.. Mas confessa que o seu maior desejo era dar um luso abraço no "Yankee" que na O.N.U. votou contra Portugal, e acrescenta que não hão-de ser os pretos que lhe hão-de ver a cor ao sangue, etc., etc..

Ah! valente Paulino, como eu te admiro; e muito mais te admirarei se nos mandares dizer que mandas-te para o capim (ai não há malvasas, pois não...? um cento de bandeoleiros.

Dá, pois, esse prazer ao Mário.

No último número do nosso jornal, o meu vizinho e amigo sr. Luis Amador, em prosa de flagrante oportunidade, fez judiciosas considerações sobre o lastimoso estado em que se acha o caminho que me passa à porta.

Ora para quem realmente não conhece o estado deplorável em que se acha o tal caminho, talvez pareça que aquele nosso amigo forçou um pouco a nota; isto é, que exagerou, e não fez tal. Antes, pelo contrário, ficou aquém da realidade; já que se esqueceu de dizer que "aquilo", quando chove, torna-se num mar de lama (para arrelia dos transeuntes e dos proprietários que possuem prédios dealbados junto ao caminho...) e que, sobretudo nesta época, com o constante trânsito dos carros de lavoura, carregados de estercor ou de feno, estes vão ciscando por toda a parte, de modo que aquela artéria... parece uma rua de burgo Paio Pires, tal é a quantidade de lixo espalhado na mesma.

No entanto... amigo Amador, sursum corda; pois até a mim já chegaram fagueiros rumores de que os Serviços Florestais se propõe pavimentar a cubos aquela artéria, desde aqui até Santo Amaro; mas, a confirmarem-se tais rumores, quando será isso realidade?... — That is the question...

— Esteve aqui, a fim de despedir-se dos seus familiares e amigos, o sr. José Luis Barreiros, que por via aérea seguiu já em missão de soberania para Angola. Desejo-lhe saúde e boa sorte, para poder regressar são e salvo aos pátrios lares, e, também... óptima pontaria.

— Seguiu para Lisboa, onde mais uma vez foi para tratamento clínico, a sra D. Bonança Delfina Gomes de Sousa. Acompanhou-a àquela cidade seu marido e nosso amigo, sr. José Manuel Gomes de Sousa.

— De visita aos seus, está entre nós o sr. José Manuel Pinheiro, distinto e acreditado fotógrafo em Évora. — (C).